

ARTE DA CENA:  
A PESQUISA EM  
DIÁLOGO COM  
O MUNDO

VII Reunião Científica  
da ABRACE  
27 a 29.outubro.2013  
UFMG - Belo Horizonte



FORTES, Tiago. *Chegada no Espaço, Súplica pelo Lugar*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará – UFC; professor assistente. Ator e Encenador.

**RESUMO:** Neste trabalho estarei analisando um espetáculo que dirigi com alunos do Curso de Teatro da Universidade Federal do Ceará: *As Suplicantes*, de Ésquilo. Mais especificamente, o que será analisado é a Chegada dos atores no espaço ocupado pelo público, espaço onde começará o espetáculo. Espaço este que já foi a escadaria de uma Praça em Campina Grande – PB ,dois laguinhos em Guaramiranga – CE e o portão que dá acesso ao corredor de entrada do prédio da Universidade em Fortaleza. Que lugar é este que pode se constituir em espaços tão diferentes? Qual seria a lógica de escolha dos espaços? E mais: o que exatamente é responsável e capaz de instalar um lugar nestes espaços? Acredito que a chegada dos atores nesses espaços assume um poder similar ao que Heidegger percebe na ponte, que “não apenas liga margens previamente existentes. É somente na travessia da ponte que as margens surgem como margens”.

**Palavras-chave:** Teatro. Lugar. Espaço

**ABSTRACT:** In this work I'll analyze a play that I directed with students of the Drama School of Universidade Federal do Ceará: *As Suplicantes*, by Ésquilo. More specifically, what will be analyzed is the Arrival of the actors in the space occupied by the audience, space where the play will start. Space which already was the staircase of a square in Campina Grande – PB, two little lakes in Guaramiranga – CE and the gate that opens to the hall of the University in Fortaleza. What is that place that can be instituted in so different spaces? What would be the logic for the space choice? Even more: what exactly is responsible and capable of installing a place in these spaces? I believe that the actors arrival in these spaces assume a power close to what Heidegger perceives in the bridge, that “doesn't just connect previously existent banks. Is only in the crossing of the bridge that the banks arise as banks.”

**Key-words:** Theater. Place. Space.

Estarei utilizando este espaço para aprofundar algumas questões levantadas em um trabalho apresentado no III Congresso Internacional de Teatro no Instituto Universitário Nacional Del Arte (IUNA) em Buenos Aires. Neste trabalho analisei a cena inicial do espetáculo *As Suplicantes*, na perspectiva de 3

diferentes espaços onde ele fora apresentado. A problemática abordada foi a lógica de escolha destes espaços, e a relação que o espetáculo investia com os mesmos. A partir da discussão de alguns textos de André Carrera, surgiu a seguinte questão: em que sentido poder-se-ia considerar este espetáculo como um teatro que invade a cidade, uma vez que não há um interesse manifesto pelo funcionamento dos lugares instaurados e que predominam no espaço urbano, pelos fluxos sociais e culturais da cidade?

Só agora posso compreender que o que me interessa não são os fenômenos que circulam pelos lugares instaurados no espaço urbano, mas o próprio fenômeno de instauração do lugar. Não me interessam os usos e fluxos sociais que se dão numa praça, por exemplo, mas que condições de possibilidade, no fenômeno de instauração daquele lugar, fizeram com que estes fluxos, e não outros, se dessem nesta praça. E para isso é preciso escutar (talvez mais do que ver) no espaço uma “paisagem anterior ao homem”, apelar não para as percepções, mas para os perceptos que excedem qualquer vivido (Deleuze & Guattari, 1992). Tudo isso tem muito a ver com uma “estética do espaço”, com aspectos materiais do espaço, mas não se reduz a uma exploração formalista de um espaço objetivo e geométrico, pois percorrem esses espaços fluxos de afeto que atravessam o homem. Para pensar mais a fundo estas questões, recorri a um texto de Heidegger chamado “Construir, habitar, pensar”. A pergunta fundamental deste texto é “o que é habitar?” (Heidegger, 2012). Para tentar encontrar uma resposta a essa pergunta ele se utiliza do exemplo da ponte enquanto coisa construída. E este exemplo será fundamental para pensarmos o fenômeno da instauração do lugar, e a relação deste com o espaço. Heidegger (2012) afirma:

O lugar não está simplesmente dado antes da ponte. Sem dúvida, antes da ponte existir, existem ao longo do rio muitas posições que podem ser ocupadas por alguma coisa. Dentre essas muitas posições, uma pode se tornar um lugar e, isso, *através da ponte*. A ponte não se situa num lugar. É da própria ponte que surge um lugar. (p. 133)

Não são as duas margens do rio, a distância entre elas, que permitem que ali se instale uma ponte, é a própria instalação da ponte que propicia o surgimento da margem enquanto margem, é pelo modo como a ponte ocupa aquele espaço, como ela se situa naquelas posições, que um lugar se faz.<sup>1</sup> Pode-se até

---

<sup>1</sup> Não é nada simples a distinção entre o conceito de espaço e o de lugar em Heidegger. Isto, a meu ver, se dá principalmente por percebermos dois níveis distintos de espaço. No artigo, citado por mim, ele afirma: “Por isso os espaços recebem sua essência dos lugares e não ‘do’ espaço.”

ARTE DA CENA:  
A PESQUISA EM  
DIÁLOGO COM  
O M U N D O

VII Reunião Científica  
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013  
UFMG - Belo Horizonte



questionar se foi do desejo de atravessar de uma margem para outra que se construiu a ponte, ou se foi da construção da ponte que nasceu o desejo da travessia? Para isso teríamos que fazer uma pesquisa histórica em busca do que motivou a construção da primeira ponte. E isto não vem ao caso. Mas é preciso concordar com Heidegger quando este diz que “é somente na travessia da ponte que as margens surgem como margem” (Heidegger, 2012, p.131). Mas isso não tornaria os modos de ocupar os espaços totalmente dependentes do trabalho de arquitetos e urbanistas? Sim, se apenas seguirmos os fluxos de ocupação que se tornaram possíveis através da instauração de um lugar como a ponte. Mas se nos anteciparmos aos usos, vivências e dinâmicas possibilitados *a partir* da instauração deste lugar, e nos conectarmos antes com o próprio fenômeno da instauração de um lugar, no modo como a ponte se aproveitou das posições situadas no espaço, poderemos instaurar outros lugares e outros modos de ocupá-los.

É isso que determina a escolha dos espaços onde o espetáculo se realiza. É isso que constitui sua lógica nada objetiva. O texto de Ésquilo oferece lugares (fictícios) que possuem uma certa lógica de instauração que precisa dialogar com a lógica de instauração dos lugares (reais) que o espaço nos oferece. Depois da chegada das suplicantes no espaço do espectador, elas dizem: “Zeus, protetor das suplicantes, nos olhe com olhos piedosos ao pisarmos terra neste porto. (...) nosso pai (...) determinou que fugíssemos sem demora, cruzássemos o mar e chegássemos a esta terra de Argos.” (Ésquilo, 1997, p.27) Não é necessário que o espaço illustre estes lugares, não há uma relação de representação entre os lugares fictícios e os lugares reais. Os laguinhos de Guaramiranga funcionam não por ilustrarem bem o mar atravessado pelas personagens. O que há é uma lógica de instauração de lugar que funciona tanto para uma instância (real) quanto para a outra (fictícia). Nós temos na peça a terra de onde as suplicantes fogem (o Egito), o mar que elas atravessam, e a terra onde elas chegam. Estes três lugares (fictícios) precisam funcionar no espaço concreto do camping de Guaramiranga, do prédio da Universidade ou da praça de Campina Grande. É preciso estar instaurado, em cada um desses espaços concretos, lugares que possuam a mesma lógica de funcionamento que os lugares fictícios da peça.

---

Como se distingue “os espaços” deste “o” espaço. Na própria citação da ponte, ele fala que “existem ao longo do rio muitas posições que podem ser ocupadas por alguma coisa”. São exatamente essas posições que caracterizam “o” espaço que a ponte ocupa. E “é da própria ponte que surge um lugar”. Portanto, os espaços que percorremos são propiciados pelo lugar que os arruma, os espaços, e este lugar se instaura através de uma coisa construída que ocupa posições “do” espaço.

ARTE DA CENA:  
A PESQUISA EM  
DIÁLOGO COM  
O MUNDO

VII Reunião Científica  
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013  
UFMG - Belo Horizonte



Fazer funcionar é diferente de representar. E é isto que fazem o laguinho e o gramado do camping; o portão, o corredor de entrada e o pátio do prédio da Universidade; a escadaria, a ponte e o espaço cercado de água onde fica o obelisco na praça. Estes lugares fazem funcionar a travessia típica do mar e a chegada típica do porto. E como é de longe que as Suplicantes chegam, do estrangeiro, deste lugar que desconheço, é preciso que se possa ver a rua atrás da escadaria que se perde no horizonte, é preciso que o portão seja vazado para que se possa ver a rua atrás dele, e que haja as montanhas por detrás dos laguinhos. E como o encontro com os gregos não se dá no palácio do rei, para onde se deve ir falar com o resto do povo da Grécia, como o rei vai ao encontro delas, é preciso que os espectadores sintam que atrás de si há ainda muito espaço a ser percorrido, é preciso que atores surjam por trás dos espectadores. Mais ainda, para que a distância deste longe se concretize na percepção do espectador, para que este lugar longe se instaure ali diante do espectador, é preciso que, do momento em que avisto os atores ao longe, até sua chegada aos meus pés, haja uma duração, uma demora (que não se reduz aos 10 minutos contados no relógio). E é esta duração do percurso dos atores pela escadaria, pelos laguinhos ou pelo corredor do prédio que instaure o lugar. Pois esta duração dá voz à profundidade do espaço, é o que nos faz sentir que estamos num lugar de chegada após uma longa travessia, é o que nos faz perguntar de onde vem estas mulheres, que não são simplesmente as personagens, mas estas que estão diante de mim, mesmo sabendo que elas não podem ter vindo de tão longe assim, que com certeza vieram de algum lugar que serviu de camarim. É esta lonjura, que não sei até onde vai, que faz o espectador querer ouvir a súplica destas mulheres por um lugar de acolhimento, um lugar que não seja mais esta lonjura, mas este lugar, que é um aqui e não um lá, onde estão acomodados os espectadores.

E podemos ir ainda mais longe na compreensão desta experiência da lonjura. Heidegger diz que esta é essencial ao ser-aí (Dasein). Na verdade, o que lhe é essencial é o “a-fastamento”, ou seja, abolir a lonjura sofrida enquanto angústia. Mas esta lonjura que angustia o ser jamais pode ser inteiramente abolida, e é exatamente isto que constitui sua espacialidade (Franck, 1986, p. 100 e 118). Este espaço que se abre entre mim (espectador) e aqueles corpos que se aproximam ao longe, e que não terminam de se aproximar, é um espaço existencial, um espaço que nossa experiência de mundo tenta constantemente reduzir. Uma prova disso é a linha do horizonte, enfiada ali por nossa percepção, incapaz de perceber a infinitude do mar que se estende ao longe. É preciso des-afastar este longe, construindo ali uma espécie de muro tangível pelo olhar.

ARTE DA CENA:  
A PESQUISA EM  
DIÁLOGO COM  
O M U N D O

VII Reunião Científica  
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013  
UFMG - Belo Horizonte



Penso poder aproximar esta experiência da lonjura da experiência do ser estrangeiro, mais especificamente daquele que migra, que sai de seu lugar, que traça uma linha para fora em direção a um dentro que não é seu, e que atravessa esta linha que pode lhe parecer interminável, e que talvez nunca termine, pois chegar num espaço não é necessariamente chegar num lugar. E é isto que se dá com estas suplicantes: elas chegam num espaço, mas é preciso suplicar por um lugar. Pois quando chegam, a primeira coisa que ouvem de alguém que pertence àquele lugar, mais exatamente, por se tratar do rei, alguém que possui aquele lugar, é:

De onde poderemos dizer que sois, *estrangeiras*, que assim vindes tão luxuosamente adereçadas com essas túnicas e esses véus de estilo bárbaro? Porque este não é o traje de Argos, nem de nenhum outro dos povos da Hélade (...) Vejo junto a vós ramos de suplicantes depositados nas aras dos deuses da nossa cidade; sois, pois, suplicantes e só isto a Grécia afirmaria que compreendeu. (p. 33 – o grifo é meu)

Aos olhos de que pertence àquele lugar, estas mulheres não são senão estrangeiras, e nada além disso. Estrangeiras e suplicantes, estrangeiras que se constituem enquanto suplicantes, estrangeiras que chegam no espaço suplicando por um lugar que não lhes pertence. Enquanto este lugar não lhes é concedido, elas pertencem a uma espécie de não-lugar, pois não se pode compreender nada a respeito de seu pertencimento. O lugar ao qual elas continuam pertencendo é esta lonjura que, mesmo com sua chegada no espaço próximo ao espectador, continua presente enquanto aquilo ao qual elas pertencem. Pois tudo o que podem dizer de si mesmas é que elas vêm de longe, por uma razão que reside no longe, e que se constitui enquanto uma ameaça que se aproxima: os egípcios que atravessam o mar para recuperar suas mulheres, mulheres que, segunda elas mesmas, não pertencem a eles que querem tomá-las à força.

Portanto esta experiência de lugar que analiso na parte inicial do espetáculo *As Suplicantes*, na verdade permanece presente até o fim do espetáculo, pois este longe se mantém como o eixo da experiência do espectador até o fim. O espetáculo não se dá num lugar real que representa muito bem o lugar ficcional da peça. Lugar é exatamente a questão central do espetáculo, não este ou aquele lugar, a Grécia ou o Egito, uma praça ou um laguinho, mas a própria experiência de lugar tal qual ela se constitui em nossa vida mais imediata, e que é evidenciada pela experiência do ser estrangeiro, do sair do lugar de pertencimento, do carregar este consigo enquanto uma ausência que se mantém presente, e que muitas vezes nos impede de pertencer ao novo lugar no qual nos encontramos, e é assim

ARTE DA CENA:  
A PESQUISA EM  
DIÁLOGO COM  
O M U N D O

VII Reunião Científica  
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013  
UFMG - Belo Horizonte



que podemos acabar não pertencendo a lugar nenhum. Pois muitas vezes suplicar por um lugar no espaço é tentar impor ao espaço presente um lugar que ali não cabe, que jamais poderá ser recebido por aquele espaço.

## Referências

Carreira, A. (2009). Ambiente, fluxo e dramaturgias da cidade: materiais do Teatro de Invasão. *O percevejo*. s/p.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1992). *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: 34.

Franck, D. (1986). *Heidegger e o Problema do Espaço*. Lisboa: Instituto Piaget.

Heidegger, M. (2012). *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes.

Ésquilo (1997). *As Suplicantes*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Biblioteca Pernambuco de Oliveira.